

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e o **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

A nostalgia do pôr do sol

Iran Coutinho
irancoutinho2104@icloud.com

Em quase todos os lugares por onde andamos há um mirante, um ponto mais elevado de onde contemplamos o pôr do sol. Em alguns lugares, ele é de uma beleza indescritível. O final do dia, o desaparecimento do sol no horizonte, dá a sensação de que um pequeno ciclo da nossa vida foi concluído. O pôr do sol traz à minha alma uma melancolia, uma tristeza que eu não sei explicar. Lembro-me de um pôr do sol que contemplei quase no final da minha infância. Eu devia ter entre oito e dez anos. No período das férias, eu ia para a fazenda da minha avó. Mas sempre acontecia a mesma coisa: por melhor que minhas tias e minha avó me tratassem, depois de uma semana eu sentia saudade de casa, chorava e pedia para voltar. Dessa vez, porém, eu estava convicto de que resistiria à saudade. Mas a melancolia veio justamente ao contemplar um pôr do sol. Comecei, no final da tarde, a caminhar sozinho pela fazenda, nas proximidades da casa, quando me deparei com aquele pôr

do sol. Aquela visão despertou em mim uma sensação de abandono e tristeza. Involuntariamente, senti vontade de voltar para o colo seguro de minha mãe. Essa tristeza e melancolia talvez tenham suas raízes no Éden. O livro de Gênesis relata que Adão e Eva passeavam com Deus ao entardecer. Quando pecaram, porém, fugiram de Sua presença e se esconderam entre as árvores do jardim. O primeiro casal desejou ser igual a Deus, mas aconteceu justamente o contrário. Quando seus olhos se abriram, perceberam a própria nudez e sentiram vergonha. O medo de habitar um mundo agora hostil, sobre o qual não tinham controle, encheu suas almas de angústia e desespero. Ainda assim, Deus foi ao encontro deles e fez uma pergunta que atravessa os séculos e alcança cada ser humano: “Onde estás?”. Talvez seja por isso que, ainda hoje, os fins de tarde me tragam uma nostalgia difícil de definir. Pode ser que, no fundo da alma, ainda carreguemos a saudade daquele jardim perdido e a esperança de ouvir novamente a voz de Deus nos chamando para perto de Si.

Maria Leôncia subiu o morro

Esequiel Mesquita
emesquita@ufc.br

O traje era o desarrimo herdado de outras gerações. As cinzas impregnavam o tecido, misturadas ao suor, dando-lhe um aspecto pútrido e duro; mas não ligava a essas pequenezas. De onde vinha, nenhum sobrenome a salvava. Morava em cima do morro, num beiral, onde a chuva era o ronco para a noite em claro. Não chorava. O desamparo foi obra do marido, que rumou em busca de trabalho e nunca retornou. Anos depois, quando noticiou seu paradeiro, foi para dizer que já não lhe servia, empurrando-a ao destino comum das outras mulheres: morriam de amores por seus homens, mesmo o abandono sendo certo. Não teve possibilidade, mas zelava, enquanto lavava, com as sobras de sabão, o fardamento do filho. Dizia, dizia: nunca sejas como o pai; sejas digno, cuidadoso. Não te quero para o destino cheio de balas. Não quero lavar o teu sangue, dizia, com a mesma natureza com que o abençoava. Mas ele não a viu

quando ela o esperava retornar, com os braços ancorados na meia-porta, enxergando entre a escuridão. Maria vendia sua limpeza, não olhava para si; era o filho. Casaria, com netos, ali, perto dela; Deus conceda! Desejava a vida, nada mais. Arrepiava-se quando descia para falar ao telefone com o filho que agora servia na Marinha. Ouviu os gritos da pólvora subindo o morro. Um vendaval de pernas para todos os lados; deixe-os passar; entrem; que entrem. Suspirou: meu filho está longe, protegido. Veio o silêncio. Esperou mais um momento antes de despachar os que estavam em sua casa; fechou a porta e fez sua oração de pé, enquanto se aprontava para finalmente dormir. Lá de fora, as palmas chegaram aos seus ouvidos; eram tão apressadas quanto a tristeza. Desceu o morro como estava: corrida, suada, velha; sem respirar. O sangue encharcado na roupa, quente, férrico, sentiu-o com a mão e pôs na boca. Tomou o filho nos braços e trouxe-o, num penoso caminhar, até sua casa, onde velou seu morto.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A louca

Melissa Vasconcelos Gomes
Membro da Academia Ubajarense de Letras e Artes

A louca da Fazenda do Amanhã lavava as roupas com o suor das suas lágrimas. Em cada gota originada de seus olhos, havia um trabalho muito intenso. Toda lágrima da louca se compunha de suor. Seu choro dobrado inundava o balde de roupa, sem que precisasse ir ao tanque buscar água. Perguntava a si mesma: será por isso que falta água para a vizinhança a semana inteira? Não bebia água. Como havia tanta lágrima e suor em alguém que não tinha nem água para beber? São nas maiores ausências, Chiquinha, que se retalham os poços de fé. A louca se chamava Marina, mulher de beleza nobre, que sempre trabalhou como empregada para os senhores das fazendas. Marina, a primeira filha, a irmã mais velha, a responsável pela educação dos seus outros seis irmãos. Aos treze anos, casou-se na igreja. Depois, foi perdendo o juízo aos poucos: a falta de amor, Chiquinha, enlouquece qualquer pessoa desatenta. Não digo distraído, porque com um estalo, o distraído acorda, enquanto, para o desatento, a queda é mais profunda. Só muita reza e fé constante para desatolar da lama um desatento. Quiçá, surge algum anjo que tenha o bom ânimo de ajudar as pessoas por amor, que está presente em tudo que recupera. Não quer dizer que todo aquele a quem se ajuda, se ama, mas que existe amor por dentro de todo aquele que estende a mão sem maldade. À Marina, faltou uma mão de resgate. Marina se perdeu em seu grande coração e ficou louca. Naquele momento, perdeu também seu nome e sua dignidade. Na Fazenda do Amanhã, a louca morreu sem filhos, sem esposo, sem casa e com Deus. Aos normais que permaneceram, com o passar do tempo, fiou-se a cada um a devida pena. A louca foi para o céu e foi amada pela eternidade. Os normais desceram ao inferno e se tornaram loucos no purgatório.

CARLUS CAMPOS



Letramento é compaixão? É empatia?

Jansen Viana
Bancário, escritor, dramaturgo, poeta, roteirista, chargista, cronista

Tudo isso pode estar relacionado ao que chamamos de letramento, mas não necessariamente. Seria ótimo se sempre andassem juntos. Infelizmente, não é assim. Por exemplo: um sujeito de mau caráter, racista e mal-educado pode ter letramento racial e, ainda assim, deixar de praticar atos explícitos de racismo? A resposta é sim. Não por convicção moral, mas por medo da Justiça, de perder o emprego, ou negócios. O racismo continua dentro de si, mas deixa de produzir efeitos no mundo. Não é o ideal, mas já é melhor do que a discriminação às claras. Agora vejamos a situação inversa. Pode uma pessoa de bom caráter, empática, misericordiosa, compassiva e não racista

cometer atos explicitamente racista? A resposta, igualmente é sim. Com consequências. Veja, o letramento está mais ligado ao conhecimento do que ao sentimento. O ideal seria que o conhecimento viesse sempre acompanhado de virtudes. Seria mais legítimo. Mas, antes de tudo, é preciso conhecer. É preciso se letrar para evitar ofensas e cometer crimes. Por isso, deixo aqui um conselho: busque letramento. Racial, de gênero, anticapacitista e tantos outros que nos ajudam a compreender melhor o mundo e as pessoas. Isso fará bem a você e à sociedade. Eu poderia dizer que pouco me importa a motivação, desde que a atitude seja a correta. Mas não seria verdade. Importa, sim. Desejo que seu letramento venha acompanhado das melhores motivações e se traduza nas atitudes mais justas.

Saúde pública

Benevides Machado de Carvalho
Agrônomo

A data de cinco de agosto
Contempla o Dia Nacional da Saúde
Para a sociedade, ótimo pressuposto
Zelar pelo necessário, alta amplitude.

Sendo a saúde, qualidade de vida
Direito fundamental do ser humano
Pela fiscalização, uma boa medida
Vigilância Sanitária, no cotidiano.

É certo! Nem tudo que reluz é ouro
No comércio em geral e shopping center, cautela!
Por fora, parece veludo, por dentro pode ter besouro.
Ao comprar frutas, dê antes uma apalpadela.

É melhor prevenir que remediar,
Um dito popular por demais antigo,
O que se vai engolir, deve-se observar
Deglutir fragmentos vítreos, altíssimo perigo.

Comprar gato por lebre
É colocar a saúde em duvidoso
É sair da mansão para um casebre
É trocar o saudável pelo danoso.

A beleza e a saúde
É o que se tem na mente,
Não cair na ilicitude
Trocando o normal pelo deprimente.

No Brasil tem a Anvisa,
Como órgão de fiscalização
Incumbida da ação precisa
Concernente à saúde da população.



A data de cinco de agosto
contempla o Dia Nacional
da Saúde para a sociedade,
ótimo pressuposto